

**FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA – FARESC  
IN LITTERAS – REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA**

**MITO DA MULATA EXPORTAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE A PERSONAGEM  
“GABRIELA, CRAVO E CANELA”**

SILVA, Kristhine K. S. da<sup>1</sup>

Orientador: ANDRADE, Valter Zotto de<sup>2</sup>

**RESUMO**

Neste artigo trago uma análise crítica sobre a personagem Gabriela do livro Gabriela Cravo e Canela. Faço um paralelo entre o período escravocrata, a mestiçagem no Brasil e como a figura da mulata se torna parte da história e da cultura brasileira. Trago também a reflexão de como personagens tão famosas como a Gabriela contribuem para a difusão do mito da mulata exportação e como isso afeta negativamente a vida de mulheres negras no Brasil.

**Palavras chave:** Literatura brasileira. Análise. Estereótipo. Mulher negra.

**1 INTRODUÇÃO**

Muito tem se falado sobre o espaço ocupado pela mulher negra na sociedade brasileira. O movimento negro junto com o feminismo negro vêm ganhando relevância na internet, com youtubers como Nataly Neri e Gabi Oliveira e ativistas como Djamila Ribeiro; essa discussão, inclusive, tem saído dos canais de youtube e sido levada também para a televisão em programas como “Encontro” da Fátima Bernardes, o que tem levantado algumas questões sobre como trazer este assunto para a sala de aula.

O presente trabalho busca, trazer uma solução, através da leitura crítica de clássicos brasileiros em sala de aula, pois, quando inseridos com mediação do professor(a), estes mesmos clássicos tão carregados com a ideologia de uma época, podem trazer para os alunos uma reflexão sobre a sua própria época, sobre o modo de pensar o gênero, a raça e a condição feminina. Sobre o enfoque das questões raciais e de gênero, explico uma das várias formas de

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

<sup>2</sup> Doutorando em Língua Portuguesa, pela PUCSP. Mestre em Comunicação e Linguagens, pela Universidade Tuiuti do Paraná. Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa, pela UFPR. Especialista em Metodologia do Ensino de Primeiro Grau, pelas Faculdades Positivo. Graduado em Letras, pela Universidade Tuiuti do Paraná. Professor do curso de Letras das Faculdades Santa Cruz de Curitiba.

discriminação sofridas pela mulher negra, que é a sexualização de seu corpo, como essa estereotipação a afeta, de onde surgiu e como são internalizadas no ideológico brasileiro.

## **2 UMA SOCIEDADE QUE TEM SUAS RAÍZES NA ESCRAVIDÃO**

Para entender o espaço ocupado pela mulher negra no imaginário da sociedade atual precisamos voltar para o período escravocrata e entender que infelizmente ainda carregamos traços dessa época e entender o quanto isto afeta o nosso imaginário e nos afeta como sociedade.

A sociedade brasileira das últimas décadas do século XIX estava em acelerada transformação devido principalmente à atividade cafeeira, que vinha ganhando espaço desde pelo menos 1840 e a essa altura a supremacia do café era incontestável. Junto com a transformação começa a ser implantado uma dinâmica capitalista e o país passa a incentivar, desde 1870, a mão de obra imigrante nas lavouras do Sudeste.

Mesmo que os escravos já renunciassem a sua condição desde o século XVI através de rebeliões, fugas e organização de quilombos, as campanhas abolicionistas só começam no final do XIX passando a ser pauta na agenda institucional somente em 1880 a través do deputado pernambucano Joaquim Nabuco. Com a nova economia sendo apresentada, uma nova burguesia nascendo da atividade agrária, as mudanças no mercado trabalho e na organização da sociedade o escravo começou a se tornar uma mão de obra obsoleta. O imigrante aparece como uma opção de progresso rápido, pois, acostumado ao funcionamento do trabalho em regimes capitalistas (o trabalho livre), tinham na lavoura uma produtividade 1/3 maior que a do antigo escravo a custos menores.

Com a abolição o negro é liberto, porém, não é corretamente reintegrado à sociedade. Após a assinatura da Lei Áurea o ex-escravo não teve orientação de como se integrar as novas regras de uma sociedade baseada no trabalho assalariado. Além disso, o negro liberto deve agora competir pelo trabalho que antes era o símbolo de sua desumanidade. Antes visto como ser animalizado utilizado somente para o trabalho braçal, agora deve ter orgulho do seu trabalho, este que antes o colocava em condição inferior. Logo, o negro recém-liberto, os mulatos e os mestiços, excluídos da sociedade, passam a ter como destino as favelas nas grandes cidades, constituindo uma configuração de classes, baseada na seletividade e na desigualdade, que nos afeta até hoje.

A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os

senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. [...] Essas facetas da situação [...] imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel” (FERNANDES, 2008).

## 2.1 MITO DO PAÍS NÃO RACISTA

O fim do sistema escravista em 1988, coloca para os pensadores brasileiros a questão da construção de uma identidade nacional. Como transformar os ex-escravizados negros em cidadãos, elementos constituintes de identidade brasileira, sendo que antes eles eram apenas coisas e força animal de trabalho? Apoiada nas teorias racistas da época, a elite se preocupa com a influência negativa que poderia resultar da participação do negro no processo de formação da identidade étnico brasileira. A pluralidade racial nascida na época escravocrata seria uma ameaça na construção de uma nação branca europeia já estabelecida no Brasil

A pluralidade racial nascida do processo colonial representava, na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca, daí porque a raça tornou-se eixo do grande debate nacional que se travava a partir do fim do *século XIX* e que repercutiu até meados do *século XX* (MUNANGA, 1999, p. 51).

Quando negros iniciam sua vivência na sociedade como homens e mulheres livres surge a necessidade de frear sua influência formação da sociedade brasileira. Inicia-se então um processo de tentativa de branqueamento da nação, impedindo relações inter-raciais e para abrandar o surgimento do fenótipo do negro na sociedade e ressaltar a permanência das características de uma raça branca, tida como modelo universal de humanidade. Nasce um ideal de branqueamento fundamentado no medo do ‘outro’ - o negro. Esse ideal de branqueamento fracassou, pois era impossível proibir as relações inter-raciais, gerando uma prole mestiça alterando o cenário racial do país.

Em 1930 acontece no Brasil uma evolução política que têm como preocupação principal o desenvolvimento social e as teorias raciológicas do fim do *século XIX* tornam-se obsoletas; o sociólogo Gilberto Freyre retoma a temática social e a discussão da questão da identidade nacional com a obra clássica *Casa grande e senzala*. O livro narra uma história social que se passa no mundo agrário e escravista do nordeste brasileiro nos séculos XVI e XVII e construiu a imagem de que nossa cultura se deve ao encontro das culturas europeia, africana e indígena.

No quadro de uma economia latifundiária baseada na monocultura da cana-de açúcar nota-se um desequilíbrio entre sexos caracterizados pela escassez de mulheres brancas. Daí a necessidade de aproximação sexual entre escravas negras e índias

com os senhores brancos; aproximação que, apesar da assimetria e da relação de poder entre senhores e escravos, não impediu a criação de uma zona de confraternização entre ambos. Essa aproximação foi possível, segundo Freyre, graças a flexibilidade natural do português. Assim, explica-se a origem histórica da miscigenação que veio diminuir a distância entre a casa grande e a senzala, contrariando a aristocratização resultante da monocultura latifundiária e escravocrata (MUNANGA, 1999, p. 79).

Para Freyre a mestiçagem não causava danos irreparáveis ao Brasil, pelo contrário, era vista como imensa vantagem e contribuía positivamente para a cultura brasileira, influenciando no estilo de vida da classe senhorial em matéria de indumentária, sexo e comida. *Casa grande e senzala* transforma a mestiçagem em algo positivo e consolida uma identidade que a muito vinha sendo desenhada. Freyre alega que a mistura entre as raças trouxe suas heranças culturais paralelamente aos cruzamentos raciais, estabelecendo no imaginário brasileiro o mito da democracia social e o mito do país sem preconceito; “somos uma democracia racial porque a mistura gerou um povo sem barreira, sem preconceito” (ORTIZ, 1994, p. 41 apud MUNANGA, op. cit., p. 89).

### **3 GABRIELA CRAVO E CANELA**

#### **3.1 SOBRE O AUTOR**

Jorge Amado é um dos escritores mais populares do país e a sua obra já foi transformada em novelas, filmes e minisséries, além de ser o escritor brasileiro com o maior número de obras traduzidas e publicadas no exterior. Natural de Itabuna, no interior da Bahia, nasceu em uma família de fazendeiros de cacau indo para Ilhéus ainda bebê e passando toda a sua infância na cidade.

Teve uma vida dedicada à política, fez parte do Partido Comunista Brasileiro, foi o deputado mais bem votado do estado de São Paulo e autor da lei, ainda em vigor, que assegura à liberdade ao culto religioso. Durante a ditadura seu partido o PCB foi considerado ilegal, e devido à perseguição e prisão de seus membros, Jorge Amado exilou-se na França onde viveu por anos e depois em Praga onde viveu por dois anos.

De volta ao Brasil e afastando-se da militância política resolveu dedicar-se exclusivamente à literatura, sendo eleito em 1961 para ocupar a cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras.

Seu primeiro romance, “o país do carnaval”, foi publicado em 1931 e todos os outros romances publicados foram muitos populares, alguns sendo adaptados para cinema, teatro e televisão e sendo traduzidos para 49 idiomas. Dentre os seus livros mais famosos temos

“Gabriela Cravo e Canela”, que foi, sem dúvida, uma de suas obras mais famosas. Tendo sua primeira edição publicada pela Livraria Martins Editora e chegando a mais de 80 edições, ganhou vários prêmios, foi adaptado para a TV três vezes, uma para cinema em 1985, com Sônia Braga no papel principal e é a sua obra com o maior número de traduções, sendo este o motivo pelo qual escolhi esta obra e este autor para tratar deste assunto.

### 3.2 A GABRIELA

A história se passa na cidade de Ilhéus, na década de 20, período em que o cacau vive sua época de *ouro*, enriquecendo a cidade e fazendeiros que ansiavam pelo progresso e transbordavam pela noite regada a bordéis e bares.

Uma nova vida começara com o aparecimento do cacau, o que acontecera antes não contava. Engenhos e alambiques, plantações de cana e de café, lendas e histórias, tudo havia desaparecido para sempre, cresciam agora as roças de cacau e as novas lendas e histórias narrando como os homens lutaram entre si pela posse de terra. Os cegos cantadores levavam pelas feiras, até o mais distante sertão, os nomes e os feitos dos homens do cacau, a fama daquela região (AMADO, 2008, p. 31).

O livro conta a história de amor entre o árabe Nacib, dono de um dos bares mais frequentados da região, e a sertaneja Gabriela, uma retirante do sertão que busca abrigo e emprego em sua casa após a partida de sua cozinheira Filomena às vésperas de um jantar muito importante. Mesmo que desconfiado da moça ela a emprega em sua casa e acaba surpreendido pelos seus dotes culinários, além de acabar também apaixonado pelas suas outras qualidades que ultrapassam a gastronomia.

Gabriela sempre colocada como mulher sensual, simples e espontânea é capaz de despertar o fascínio de todos os homens da região, o que dá a obra um leve tom de novela mexicana, regada a muito ciúme, paixão, traição e reviravoltas que rodeiam o romance ardente de Nacib e Gabriela.

É exatamente a sensualidade da personagem Gabriela que irei aprofundar nesta pesquisa. Como mulher negra de pele clara, as chamadas “mulatas”, Gabriela é a imagem de um Brasil festivo e carnavalesco.

O autor irá apresenta-la sempre através dos traços físicos: “Ainda agora, através da sujeira a envolvê-la, ele a enxergava como a vira no primeiro dia, encostada numa árvore, o corpo esguio, o rosto sorridente, mordendo uma goiaba”, sempre sorrindo, sempre desejável “Mas Clemente a via esguia e formosa, a cabeleira sobre o rosto fino, as pernas altas e o busto levantado”, e quando juntamos isso às suas habilidades culinárias temos a mulher perfeita, como diria os populares “boa de cama e de mesa”.

Não era casta como as mulheres brancas, não tinha família e nem sobrenome, além da sua cor faziam de Gabriela uma mulher inapta ao casamento. A sociedade que dividia mulheres pela castidade e aparência não podia ter como membro uma mulher que fugia de todas as convenções sociais. O lugar desta mulher não é como esposa, e, sim, como amante fugaz, pois Gabriela é o retrato da mulher tentadora e vulgar que troca de companheiro sem a menor preocupação moral.

Durante a caminhada ela se comportava como se nada houvesse entre eles, tratava-o da mesma maneira que aos demais. Era de natural risonha e brincalhona, trocava graças até com o negro Fagundes, distribuía sorrisos e obtinha de todos tudo que quisesse. Mas quando a noite chegava, após ter cuidado do tio, vinha para o canto distante, onde ele ia meter-se, e deitava-se ao seu lado, como se para outra coisa não houvesse vivido o dia inteiro. Se entregava toda, abandonada nas mãos dele, morrendo em suspiros, gemendo e rindo (AMADO, 2008, p. 78).

Nacib encontra Gabriela no “Mercado de escravos”, como era chamado o local para onde iam os retirantes do sertão em busca de emprego, lá chegavam e ficavam expostos sendo escolhidos pelos senhores de terra. A contrata para ser sua empregada e a moça se dispões completa aos ser serviços, quando Nacib pergunta quanto quer ganhar e o que deseja fazer ela responde “Pra mim, o que o moço disser, tá bom”, e quando lhe pergunta o seu nome a resposta que recebe é “Gabriela, pra servir o senhor”. Nacib, chegando em casa depois de um dia cansativo, se apaixona pela protagonista à primeira vista, após tê-la visto arrumada após o banho descobriu a verdadeira Gabriela:

Entrou de mansinho e a viu dormida numa cadeira, os cabelos longos espalhados nos ombros. Depois de lavados e penteados tinham-se transformado em cabeleira solta, negra, encaracolada. Vestia trapos, mas limpos, certamente os da trouxa. Um rasgão na saia mostrava um pedaço de coxa cor de canela, os seios subiam e desciam levemente ao ritmo do sono, o rosto sorridente.

– Meu Deus! - Nacib ficou parado sem acreditar.

A espiá-la, num espanto sem limites, como tanta boniteza se escondera sob a poeira dos caminhos? Caído o braço roliço, o rosto moreno sorrindo no sono, ali, adormecida na cadeira, parecia um quadro. Quantos anos teria? Corpo de mulher jovem, feições de menina.

– Meu Deus, que coisa! - murmurou o árabe quase devotamente.

Na próxima cena, que pode ser interpretada como a mais absurda de toda a obra, a personagem em uma de suas primeiras noites da casa, seguindo o roteiro da mulata sempre disposta à seduzir, deixa a porta do quarto de emprega aberta, e dorme quase nua coberta pela luz do luar, fazendo quase que como um convite à Nacib, um homem que ela mal conhecia. Ele vai até o quarto entregar-lhe roupas e sapatos novos como um presente, e se sente provocado pela imagem da mulata que dorme. Ele entra no quarto sem ser convidado e fica a observando dormir, uma atitude que poderia facilmente ser vista como apologia ao estupro,

porém, sem o mínimo escrúpulo Gabriela acorda, vê o homem, agradece o presente e o leva para o seu leito, arrebatando o homem triste e solitário que fracamente não consegue resistir aos seus encantos

A lua, no alto dos céus, iluminava o quintal de mamoeiros e goiabeiras. A porta do quarto da empregada estava aberta. Talvez por causa do calor [...].

Os olhos perscrutaram a escuridão. A réstia de luar subia pela cama, iluminava um pedaço de perna. Nacib firmou a vista, já excitado. Esperara dormir essa noite nos braços de Risoleta, nessa certeza fora ao cabaré, antegozando a sabedoria dela, de prostituta de cidade grande. Ficara-lhe o desejo irritado. Agora via o corpo moreno de Gabriela, a perna saindo da cama. Mais do que via, adivinhava-o sob a coberta remendada, mal cobrindo a combinação rasgada, o ventre e os seios. Um seio saltava pela metade, Nacib procurava enxergar. E aquele perfume de cravo, de tontear.

[...]

Gabriela agitou-se no sono, o árabe transpusera a porta. Estava com a mão estendida, sem coragem de tocar o corpo dormido. Por que apressar-se? Se ela gritasse, se fizesse um escândalo, fosse embora? Ficaria sem cozinheira, outra igual a ela jamais encontraria.

O melhor era deixar o pacote na beira da cama. No outro dia demoraria mais em casa, ganhando sua confiança pouco a pouco, terminaria por conquistá-la.

Sua mão quase tremia pousando o embrulho. Gabriela sobressaltou-se, abriu os olhos, ia falar, mas viu Nacib de pé, a fitá-la. Com a mão, instintivamente, procurou a coberta mas tudo que conseguiu - por acanhamento ou por malícia? - foi fazê-la escorregar da cama. Levantou-se a meio, ficou sentada, sorria tímida. Não buscava esconder o seio, agora visível ao luar.

- Vim lhe trazer um presente - gaguejou Nacib. - Ia botar em sua cama. Cheguei agorinha...

Ela sorria, era de medo ou era para encorajar? Tudo podia ser, ela parecia uma criança, as coxas e os seios à mostra como se não visse mal naquilo, como se nada soubesse daquelas coisas, fosse toda inocência. Tirou o embrulho da mão dele:

- Obrigada, moço, Deus lhe pague.

Desatou o nó, Nacib a percorria com os olhos, ela estendeu sorrindo o vestido sobre o corpo, acariciou-o com a mão:

- Bonito...

Espiou os chinelos baratos, Nacib arfava.

- O moço é tão bom...

O desejo subia no peito de Nacib, apertava-lhe a garganta. Seus olhos se escureciam, o perfume de cravo o tonteava, ela tomava do vestido para melhor o ver, sua nudez cândida ressurgia.

- Bonito... Fiquei acordada, esperando pro moço me dizer a comida de amanhã. Ficou tarde, vim deitar...

- Tive muito trabalho - as palavras saíam-lhe a custo.

- Coitadinho... Não tá cansado?

Dobrava o vestido, colocava os chinelos no chão.

- Me dê, penduro no prego.

Sua mão tocou a mão de Gabriela, ela riu:

- Mão mais fria...

Ele não pode mais, segurou-lhe o braço, a outra mão procurou o seio crescendo ao luar. Ela o puxou para si:

- Moço bonito...

O perfume de cravo enchia o quarto, um calor vinha do corpo de Gabriela, envolvia Nacib, queimava-lhe a pele, o luar morria na cama. Num sussurro entre beijos, a voz de Gabriela agonizava:

- Moço bonito...

Contra todas as convenções sociais Nacib decide pedi-la em casamento para não correr o risco de perdê-la, já que todos os homens da cidade iam até o bar tentar seduzi-la com

salários melhores, todos na intenção de tê-la como sua cozinheira e amante. Para que tudo ficasse bem no plano das aparências, Tônico que era amigo de Nacib consegue documentos para Gabriela e então os dois entram em uma missão de fazer com que ela aprenda a ser uma dama da sociedade, ensinando-a etiqueta e modos de uma mulher branca. Entretanto, todas essas exigências fazem com que Gabriela sintasse-se cada vez mais triste, apática e presa a uma realidade que ela não enxerga como sua. Acaba sendo seduzida por Tônico e parte para a traição, Nacib descobre e dá uma surra nela pelo adultério cometido, desiste do casamento, porém, tempos depois ele acaba perdendo a personagem e oferece a ele novamente o emprego de cozinheira que a mesma aceita feliz. Mesmo quando ela consegue a oportunidade de se tornar uma dama, toda a sua paixão e sede de liberdade a leva ao adultério, confirmando o papel de mulher que não foi feita para casar e tem como destino apenas o papel de amante fugaz.

Dona Arminda disse que nunca mais seu Nacib tornaria a fitá-la, a dizer-lhe bom-dia, a falar com ela. Mas por que tudo isso, se já não eram casados, se nunca tinham sido? Com mais alguns dias... , dissera o juiz. Ficava pensando: agora podia voltar outra vez para seu Nacib. Não quisera ofendê-lo, não quisera magoá-lo. Mas o ofendera porque era casada, mas o magoara porque deitara com outro na sua cama, sendo casada. Um dia percebera que ele tinha ciúmes. Um homem tão grande, era engraçado. Tomara tento, desde então, muito cuidado, porque não queria que ele sofresse. Coisa mais tola, sem explicação: por que os homens tanto sofriam quando uma mulher com quem deitavam, deitava com outro? Ela não compreendia. Se seu Nacib tivesse vontade, bem que podia ir com outra deitar, nos seus braços dormir. Ela sabia que Tônico dormia com outras, dona Arminda contava que ele tinha um horror de mulheres. Mas, se era bom deitar-se com ele, brincar com ele na cama, por que exigir que fosse só ela? Entendia não. Gostava de dormir nos braços de um homem. Não de qualquer. De moço bonito, como Clemente, como Tônico, como seu Nilo, como Bebinho, ah! como seu Nacib. Se o moço também queria, se a olhava pedindo, se sorria para ela, se a beliscava, por que recusar, por que dizer não? Se estavam querendo, tanto um como o outro? Não via porquê. Era bom dormir nos braços de um homem, sentir o estremecimento do corpo, a boca a morder, num suspiro morrer. Que seu Nacib se zangasse, ficasse com raiva, sendo casado, isso entendia. Havia uma lei, não era permitido. Só o homem tinha direito, a mulher não tinha. Ela sabia, mas como resistir? Tinha vontade, na hora fazia, nem se lembrava que não era permitido.

#### **4 O MITO DA MULATA EXPORTAÇÃO**

A caracterização da escravidão por Gilberto Freyre como composta de senhores bons e escravos submissos é historicamente falsa. Segundo Davis, “algumas vezes foram assumidas pela literatura tradicional sobre a escravidão que as mulheres escravas acolhiam e encorajavam as atenções sexuais dos homens brancos. O que aconteceu entre eles então, não foi exploração sexual mas miscigenação”. Esse processo na história escravocrata brasileira nunca surgiu como um processo natural e livre de união entre dois povos, pelo contrário, mulheres foram violentadas em uniões mantidas à força com os senhores, sustentadas pelo

medo e pela insegurança, dando como frutos crianças que foram concebidas legalmente sem pai, dando continuidade a posição de escrava, não havendo assim nenhum enriquecimento cultural e racial da nação brasileira.

Seria um erro olhar para o modelo institucionalizado da violação durante a escravatura como uma expressão do impulso sexual dos homens brancos, diferentemente reprimido pelo espectro da castidade da natureza feminina. Isso seria demasiado simplista como explicação. A violação era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo maior objetivo era extinguir a vontade das mulheres escravas em resistir [...] (DAVIS, 2013, p. 25).

As mulheres sofreram punições de maior intensidade que os homens, elas não eram somente chicoteadas e mutiladas, eram também violadas e a violação servia para colocar “as escravas em seu devido lugar”; caso houvesse alguma resistência por parte da escrava, então a violação iria lembrar-lhe da sua essencial e inalterável feminilidade. A história coloca os senhores de engenho como vítimas de escravas que sedentas de sexo, justificando o abuso sofrido pelas mesmas e exaltando a sensualidade inata a mulata que seduz o senhor e o leva de boa vontade ao seu leito. Além de carregar a imagem erotizada do corpo feminino, a mulata carrega a imagem de ser o brasileiro e fica no lugar definido do “encontro entre as raças”. Pois vindo da teoria do branqueamento temos a mulata como uma raça mais próxima do ideal branco, logo, mais aceito, pois os negros de pele mais clara são tolerados em ambiente de predominância branca, não gozam dos mesmos direitos de uma pessoa branca, mas são mais confortáveis aos olhos da branquitude pois não tem muitos traços que revelam sua descendência. A mulata transforma-se então em objeto social, símbolo de uma sociedade que se quer mestiça porque desdenha a pele negra escura, levando junto consigo o discurso de que o país vive em democracia racial.

A mulata é o símbolo exportado pois se mostra como a representação do Brasil de vários povos, miscigenado e sem preconceito. Ela samba como símbolo da alegria e da festa, demonstrando o povo brasileiro como o povo do carnaval e da alegria, lugar em que qualquer um se sentiria acolhido

Na comunicação estabelecida, com efeito, a mulata opera como signo, não para intaurar o pacto entre famílias, mas entre países, povos, raças. Seu valor é o de exprimir sinteticamente a brasilidade - nacionalidade – através de uma sexualidade exacerbada, posto que não controlada pelos laços de parentesco no Interior da família. Assim, suscita/favorece/estimula a comunicação/ aliança com o Outro, o estrangeiro (GIACOMINI, 1994, s.p.).

A partir do século XIX acontece uma mudança na literatura e a mulher mestiça deixa de ser descrita como uma imagem vista à distância e passar a ser o que Saint’Anna chama de “mulher-fruto” e principalmente “mulher-caça” que é a figura que o homem “persegue e

devora sexualmente”. Cravo e canela, morena, cheirosa e quente, esse é o retrato dado a nossa personagem, sua sensualidade se manifesta na sua cor e no seu cheiro, e ela é sempre relacionada à comida como é mostrado em uma cena que seu Nacib almoça e olha Gabriela imaginando como seria morder seu pescoço cor de canela. Enquanto a mulher branca é colocada na literatura como a virgem intocável ou o anjo loiro a forma representativa da mulher negra é a mulata apetitosa que é feita para ser comida. Essa imagem está ligada a inferioridade como a esta mulher é vista pelo homem branco e pela sociedade no geral, gerando uma agressividade canibalesca nas relações de afeto inter-raciais dos escritores brasileiros, misturando sempre os símbolos da violência, sedução e apetite, ficando na literatura a figura da mulata que é imbatível na cozinha e na cama.

Contudo, é necessário distinguir que além de ter um significado puramente psicanalítico, esse desejo oral pela mulher de cor é resultado da relação social e uma expressão de poder. E, assim como se passa da mulher para ser *vista* à mulher para ser *comida*, passa-se da *mulher-flor* à *mulher-fruto*, como se a mulher branca estivesse no *jardim* da casa e a mulher escura no *pomar*. E é aí que o aspecto social se manifesta, conjugando a verticalidade e a horizontalidade das relações (SAINT'ANNA, 1993, p. 27).

A mulher negra na obra de Jorge Amado é a representação da mulher negra de Casa Grande & Senzala, pronta para o sexo, sempre disponível. Vista como propriedade dos coronéis, a empregada servil e a amante incansável paira ainda hoje na nossa cultura devido a naturalização dessa figura por meio de novelas, da literatura e até mesmo da música.

Bordieu nos mostra o que é e como funciona a violência simbólica e dentre elas encontra-se o racismo. Quando dizemos que o racismo é estrutural, dizemos que ele constitui as relações no seu padrão de normalidade. O racismo está no inconsciente de uma sociedade e se materializa na estrutura da sociedade, quando por exemplo, colocamos a mulata globeleza para sambar no intervalo da novela, quando colocamos na novela a personagem negra ou como empregada doméstica ou como a mestiça da favela, ou a mestiça do samba estamos praticando a violência simbólica, mostrando que o único espaço possível à uma mulher negra na sociedade é o da mulata dançante e sensual ou da empregada dócil e servil. A última novela da Globo é um bom exemplo, sediada na Bahia, estado com a maior população negra do Brasil, temos apenas um personagem negro em cena, isso é a violência simbólica, a violência que não é física e faz com que determinados grupos se posicionem no espaço social seguindo padrões impostos pelo discurso dominante, e como sabemos o discurso dominante em determinada época sempre será o discurso da classe dominante.

Jorge Amado sendo um dos escritores mais famosos, mais exportado e mais adaptado do país, compactua com a naturalização da estereotipação da mulher negra. Sua literatura, que

é considerada um retrato do Brasil, é usada como aparelho ideológico para estimular e promover o racismo estrutural, que segue ferindo simbolicamente mulheres negras, que deixam de ser vistas como um ser humano com sentimentos, vida própria e consciência para terem seus corpos resumidos à um corpo feito para o sexo e nada mais. Podemos ver no trecho à seguir como a obra naturaliza a exploração e estupro de corpos negros:

Por vezes, ao chegar da fazenda, era para a filial que se dirigia, ali descia do cavalo, antes mesmo de ir ver a família. Eram seu luxo, sua alegria na vida, essas cabrochas, mulatinhas no verdor dos anos, que o tratavam como se ele fosse um rei.

[...]

Antes de Glória, muitas outras haviam se sucedido nas boas graças do coronel, em amigações que em geral duravam certo tempo. Rapariga sua era trancada em casa, pouco saindo, solitária, sem direito a amizades, a visitas. Um monstro de ciúmes, diziam dele.

[...]

Quase sempre era a mulher quem o abandonava, farta daquela vida de cativa, de escrava bem alimentada e bem vestida. Algumas iam parar nas casas de prostituição, outras voltavam para as roças, uma viajara para a Bahia, levada por um caixeiro-viajante. Por vezes, no entanto, era o coronel quem se fartava, precisava carne nova. Descobria, quase sempre em sua própria fazenda ou nos povoados, uma caboclinha simpática, mandava a anterior embora. Nesses casos, gratificava-a bem. Para uma delas, que com ele vivera mais de três anos, montara uma quitanda na rua do Sapo. De quando em quando ia lá visitá-la, sentava-se a conversar, interessava-se pelo andamento dos negócios. Sobre raparigas do coronel Coriolano contavam-se múltiplas histórias (AMADO, 2008, p. 97).

A sociedade naturaliza a violência contra pessoas negras quando normaliza cenas como as descritas acima e estas não causam o choque que deveriam causar, não à toa muitos artigos e estudos colocam Gabriela como uma mulher livre e não uma mulher presa aos estereótipos. Analisam a personagem como se ela fosse um ser independente, não levando em conta que ela é a criação de seu autor, e que o mesmo, sendo um fruto de seu tempo e um ser social que conta com os privilégios e ideologias de homem branco, esta preso a tais ideologias e somente por isso a personagem da Gabriela é possível. E somente por isso todo o seu sucesso se faz possível, pois compactua com todo o ideal de uma nação, que quer a mestiça como um símbolo de mulata de exportação.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA NOVA LEITURA SE FAZ POSSÍVEL**

A literatura é a representação ficcional das relações sociais e um aparelho ideológico propagador de discursos que acaba por reforçar os preconceitos de uma determinada sociedade, estereótipos e discriminações de gênero. Os fatores socioculturais são bastante incorporados na estrutura de uma obra e quando reconhecemos a forte ligação que existe entre a literatura e a sociedade temos a chance de levar essas discussões para os lugares aonde elas deveriam estar sendo feitas, que é a escola.

Principalmente nos nossos dias, quando projetos como a “Escola sem partido” está em pauta e prestes a ser votado, que tem como missão abolir a ideologia das escolas, mas é um projeto ideológico em si e propõe na verdade o fim do pensamento crítico em sala de aula, que nada mais é do que o desejo de colocar uma mordança na população, formando cidadãos dóceis que percam completamente a capacidade de questionar ou de criticar. Essas discussões são importantes, pois, fora da escola o aluno está recebendo todo tipo de mensagem negativa sobre os estereótipos relacionados à mulheres negras, por meio de revistas, séries, filmes televisão etc. É preciso que a escola seja um contraponto na vida desse aluno, para que ele comece a se questionar, aprenda a identificar o racismo desde cedo e aprenda a ter uma leitura crítica, não só dos clássicos, como de qualquer outro texto. Essas críticas são importantes também para as mulheres negras, que desenvolvem a sua autoestima, sabendo que podem ocupar outro lugar na sociedade além do que lhe é imposto.

Diante deste contexto, apresento a necessidade de trazer para a sala de aula, por meio da leitura crítica de clássicos, práticas educativas alternativas, discussões sobre a figura da mulher negra, como o racismo estrutural se mostra no dia a dia, os estereótipos e como as mulheres ainda são afetadas por algumas personagens emblemáticas da nossa literatura, em especial as personagens amadianas.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Martins Fontes, 1970.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FARIA, D. R. de; BARBOSA, V. A representação do feminino em Gabriela Cravo e Canela e possíveis caminhos para se pensar a condição da mulher na contemporaneidade. In: Seminário brasileiro de estudos culturais e educação, 6.; Seminário internacional de estudos culturais e educação, 3., 2015, Canoas. **Anais...** Canoas: SBECE, SIECE, 2015.

HANCIAU, Nubia Tourrucô Jacques. A representação da mulata na literatura brasileira: Estereótipo e preconceito. **Cadernos Literários**, Rio Grande, v. 7, n. 7, p. 57-64, 2002. Disponível em: <[www.hanciau.net/php/nubia/publicacoes.php](http://www.hanciau.net/php/nubia/publicacoes.php)>. Acesso em: 13 ago. 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional *versus* identidade negra. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher Negra**: afetividade e solidão. Salvador: EDUFRA, 2013.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. **O Canibalismo Amoroso**. São Paulo: Círculo do Livro, 1993.